

**O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS E PERSPECTIVAS
PEDAGÓGICAS**

*THE TEACHING OF GEOGRAPHY IN ELEMENTARY SCHOOLS:
CONTEMPORARY CHALLENGES AND PEDAGOGICAL
PERSPECTIVES*

*LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA EN LA EDUCACIÓN
PRIMARIA: RETOS ACTUALES Y PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS*

Ana Maria Pereira Vital
EMETI Simão Angelo (Ceará)
monica567.vital@gmail.com

Conflitos de interesses, filiação institucional e responsabilidades

Os autores declaram não haver interesses conflitantes.

Afiliações Institucionais são informadas pelo(s) autor(es) e de inteira responsabilidade do(s) informante(s).

O(s) autor(es) é(são) responsável(is) por todo o conteúdo do artigo, incluindo todo tipo de ilustrações e dados.



Resumo

O presente artigo analisa o ensino de Geografia na Educação Fundamental, considerando sua relevância para a formação dos estudantes, as metodologias de ensino e os recursos didáticos utilizados como instrumentos de apoio ao processo de ensino e aprendizagem. O estudo parte da compreensão de que o conhecimento geográfico constitui elemento fundamental para a leitura crítica do mundo, possibilitando aos educandos compreender as relações estabelecidas entre sociedade e natureza, bem como as diferentes dinâmicas que constituem o espaço geográfico. O objetivo central consiste em analisar as características que orientam o ensino de Geografia nessa etapa da Educação Básica, destacando a importância dos conceitos geográficos, das práticas pedagógicas e dos materiais didáticos no desenvolvimento do pensamento crítico e da construção de saberes significativos. Para alcançar tal objetivo, adotou-se uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, fundamentada na análise de obras relacionadas ao ensino de Geografia e de documentos oficiais, especialmente a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). As reflexões desenvolvidas evidenciam a importância de práticas pedagógicas contextualizadas, capazes de superar abordagens centradas na memorização de conteúdos, bem como o potencial dos recursos didáticos, como livros, mapas, imagens e outras linguagens, para ampliar as possibilidades de aprendizagem geográfica. Conclui-se que o ensino de Geografia, quando articulado à realidade dos estudantes e mediado por estratégias adequadas, contribui para o desenvolvimento do pensamento espacial, da autonomia intelectual e da formação cidadã, fortalecendo a compreensão crítica dos fenômenos sociais, culturais, naturais, políticos e econômicos que constituem o espaço geográfico.

Palavras-chave

Educação fundamental. Ensino de geografia. Prática pedagógica. Pensamento geográfico. BNCC.

Abstract

This article analyzes the teaching of geography in elementary school, considering its relevance to students' education, teaching methodologies, and instructional resources used to support the teaching and learning process. The study is based on the understanding that geographic knowledge is a fundamental element for a critical understanding of the world, enabling students to comprehend the relationships between society and nature, as well as the various dynamics that constitute geographic space. The central objective is to analyze the characteristics that guide the teaching of Geography at this stage of Basic Education, highlighting the importance of geographic concepts, pedagogical practices, and instructional materials in the development of critical thinking and the construction of meaningful knowledge. To achieve this objective, a qualitative approach was adopted, drawing on bibliographic and documentary sources, based on the analysis of works related to the teaching of Geography and official documents, particularly the National Common Core Curriculum (BNCC). The reflections presented highlight the importance of contextualized pedagogical practices capable of moving beyond approaches centered on content memorization, as well as the potential of teaching resources—such as books, maps, images, and other forms of media—to expand the possibilities for learning Geography. It can be concluded that the teaching of geography, when linked to students' real-life experiences and facilitated by appropriate strategies, contributes to the development of spatial thinking, intellectual autonomy, and civic education, thereby strengthening students' critical understanding of the social, cultural, natural, political, and economic phenomena that constitute the geographical space.

Keywords

Elementary education. Geography instruction. Teaching practice. Geographical thinking. BNCC.

Resumen

El presente artículo analiza la enseñanza de la Geografía en la Educación Primaria, teniendo en cuenta su importancia para la formación de los alumnos, las metodologías didácticas y los recursos didácticos utilizados como herramientas de apoyo al proceso de enseñanza y aprendizaje. El estudio parte de la idea de que el conocimiento geográfico constituye un elemento fundamental para la lectura crítica del mundo, ya que permite a los alumnos comprender las relaciones que se establecen entre la sociedad y la naturaleza, así como las diferentes dinámicas que conforman el espacio geográfico. El objetivo principal consiste en analizar las características que orientan la enseñanza de la Geografía en esta etapa de la Educación Básica, destacando la importancia de los conceptos geográficos, las prácticas pedagógicas y los materiales didácticos en el desarrollo del pensamiento crítico y la construcción de conocimientos significativos. Para alcanzar dicho objetivo, se ha adoptado un enfoque cualitativo, de carácter bibliográfico y documental, basado en el análisis de obras relacionadas con la enseñanza de la Geografía y de documentos oficiales, especialmente la Base Nacional Común Curricular (BNCC). Las reflexiones desarrolladas ponen de manifiesto la importancia de las prácticas pedagógicas contextualizadas, capaces de superar los enfoques centrados en la memorización de contenidos, así como el potencial de los recursos didácticos —como libros, mapas, imágenes y otros lenguajes— para ampliar las posibilidades del aprendizaje geográfico. Se concluye que la enseñanza de la Geografía, cuando se articula con la realidad de los alumnos y se lleva a cabo mediante estrategias adecuadas, contribuye al desarrollo del pensamiento espacial, la autonomía intelectual y la formación ciudadana, reforzando la comprensión crítica de los fenómenos sociales, culturales, naturales, políticos y económicos que conforman el espacio geográfico.

Palabras clave

Educación primaria. Enseñanza de la geografía. Práctica pedagógica. Pensamiento geográfico. BNCC.



1 Introdução

O presente artigo propõe reflexões acerca do ensino de Geografia na Educação Básica, com ênfase no Ensino Fundamental, buscando responder ao seguinte questionamento: como os documentos curriculares e a literatura especializada concebem o ensino de Geografia nessa etapa da educação básica? Trata-se de uma discussão relevante, pois é nesse período da escolarização que crianças e adolescentes estabelecem seus primeiros contatos sistematizados com os conhecimentos geográficos, construindo as bases para a compreensão do espaço geográfico e das relações entre sociedade e natureza.

Nesse contexto, o papel do professor torna-se fundamental ao desenvolver práticas pedagógicas que favoreçam um processo de ensino pautado na investigação, na problematização, na construção e reconstrução do conhecimento, despertando nos estudantes o interesse pela aprendizagem da Geografia e pela compreensão crítica do mundo em que vivem. Nessa perspectiva, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca que:

Estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta. Ao mesmo tempo, a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças (BRASIL, 2017, p. 359).

Neste ensaio, objetiva-se analisar criticamente o ensino de Geografia na Educação Básica, com ênfase no ensino fundamental, considerando sua organização curricular, sua relevância na formação dos estudantes, algumas das metodologias de ensino passíveis de serem adotadas pelos docentes e o uso de materiais didáticos como instrumentos de apoio ao processo de ensino e aprendizagem. Não se trata de um estudo empírico, mas de reflexões fundamentadas, principalmente, em documentos



oficiais voltados à Educação Básica e em produções bibliográficas relacionadas ao ensino de Geografia.

Para o desenvolvimento do estudo, optou-se por uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e documental. Conforme Gil (1999, p. 65), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído, principalmente, por livros e artigos científicos, podendo, em alguns casos, constituir a base exclusiva de determinado estudo. Assim, o levantamento bibliográfico foi realizado mediante consulta a livros e artigos científicos disponíveis em bibliotecas físicas e virtuais, além da utilização da ferramenta Google Acadêmico. Para a seleção das obras analisadas foram empregadas palavras-chave como *ensino de Geografia*, *práticas docentes*, *metodologia*, *materiais didáticos* e *saberes geográficos*, privilegiando trabalhos reconhecidos por sua contribuição às discussões sobre o ensino da disciplina.

Complementarmente, utilizou-se a pesquisa documental, entendida por Fonseca (2002, p. 32) como aquela que recorre a fontes diversificadas e dispersas, ainda sem tratamento analítico, tais como documentos oficiais, relatórios, jornais, revistas, fotografias, filmes, entre outros. Nesse sentido, a principal fonte documental considerada neste estudo corresponde à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por constituir o principal documento normativo que orienta o ensino da Educação Básica no Brasil. Contudo, não deixa de considerar seu antecessor: Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

A análise desses referenciais permite compreender que a Geografia, enquanto componente curricular, desempenha papel relevante na formação dos estudantes, possibilitando o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas à compreensão dos fenômenos naturais, sociais, culturais, políticos e econômicos que caracterizam o espaço geográfico. Ao reconhecer a Geografia como uma ciência historicamente construída e em constante transformação, amplia-se a capacidade do aluno de interpretar criticamente a realidade e compreender sua inserção no mundo.

Essa perspectiva é reafirmada pela BNCC ao destacar que:

Essa é a grande contribuição da Geografia aos alunos da Educação Básica: desenvolver o pensamento espacial, estimulando o raciocínio geográfico para representar e interpretar o mundo em permanente transformação e relacionando componentes da sociedade e da natureza. Para tanto, é necessário assegurar a apropriação de conceitos



para o conhecimento fatural (com destaque para os acontecimentos que podem ser observados e localizados no tempo e no espaço) e para o exercício da cidadania (BRASIL, 2017, p. 360).

A relevância deste estudo fundamenta-se na compreensão de que o ensino de Geografia contribui para a formação de sujeitos capazes de interpretar criticamente a realidade, exercer a cidadania e atuar de forma responsável diante das questões sociais e ambientais. Nessa perspectiva, discutir os fundamentos, as metodologias e os recursos didáticos empregados no ensino da disciplina torna-se indispensável para fortalecer práticas pedagógicas que promovam aprendizagens significativas desde os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Desse modo, o ensino de Geografia deve possibilitar aos estudantes a construção de conhecimentos que favoreçam a leitura e a interpretação do espaço geográfico, estimulando a reflexão, a autonomia intelectual e a aprendizagem contínua. Conforme destaca a BNCC:

Tendo por referência esses conhecimentos das próprias crianças, o estudo da Geografia no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, em articulação com os saberes de outros componentes curriculares e áreas de conhecimento, concorre para o processo de alfabetização e letramento e para o desenvolvimento de diferentes raciocínios. O estudo da Geografia permite atribuir sentidos às dinâmicas das relações entre pessoas e grupos sociais, e desses com a natureza, nas atividades de trabalho e lazer. É importante, na faixa etária associada a essa fase do Ensino Fundamental, o desenvolvimento da capacidade de leitura por meio de fotos, desenhos, plantas, maquetes e das mais diversas representações. Assim, os alunos desenvolvem a percepção e o domínio do espaço (BRASIL, 2017, p. 367).

2 Breve histórico do ensino de Geografia no Ensino Fundamental

O ensino de Geografia desenvolvido atualmente, é resultado de uma renovação considerável da ciência e do ensino. Ao longo de sua trajetória como componente curricular, o ensino de geografia, passou por vários momentos, gerando distintas reflexões acerca dos objetos e métodos do fazer geográfico. As primeiras tendências na geografia no Brasil, surgiram com a fundação da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e do Departamento de Geografia, quando na década de 1940, a disciplina de geografia passou a ser lecionada por professores licenciados. Até então, o ensino de geografia não integrava diretamente a grade curricular das escolas de primeiras letras.



o ensino de geografia não integrava diretamente os conteúdos das escolas de primeiras letras. Isso não impediu, porém, que aparecesse de maneira indireta nesses estabelecimentos. Sua presença ocorria por meio da história do Brasil e da língua nacional, cujos textos eram dedicados a descrição do seu imenso território com ênfase para suas dimensões e belezas naturais (Vlach, 2004).

Geografia tradicional, assim era chamada essa tendência e as correntes que dela se desenvolviam. Tal tendência foi marcada por um ensino predominantemente descritivo e empírico, fortemente influenciado pela perspectiva positivista, priorizando a descrição das paisagens, da população, das regiões e dos elementos naturais, em detrimento de uma análise mais ampla das relações sociais e da produção do espaço, isto é:

Por exemplo, estudava-se população, mas não a sociedade; os estabelecimentos humanos, mas não as relações sociais; as técnicas e os instrumentos de trabalho, mas não o processo de produção, ou seja, não se discutiam as relações intrínsecas à sociedade, abstraindo assim o homem de seu caráter social (BRASIL, 1997, p.103).

Logo os métodos e as teorias de ensino utilizados pela geografia tradicional, tornaram-se insuficientes quanto à compreensão e complexidades ocorridas na sociedade e no mundo. A partir de então, essa tendência entrou em decadência, conforme afirma Moraes:

A crise da geografia tradicional e o movimento de renovação a ela associado começam a se manifestar já em meados da década de cinquenta e se desenvolvem aceleradamente nos anos posteriores. A década de sessenta encontra as incertezas e os questionamentos difundidos por vários pontos. A partir de 1970, a geografia tradicional está definitivamente enterrada (2007, p. 103).

No contexto desse movimento de renovação do pensamento geográfico, destacou-se a Geografia Crítica, que apresentou um conjunto de propostas voltadas ao estudo das relações entre o processo histórico de formação das sociedades e o funcionamento da natureza, por meio da leitura do espaço geográfico e da paisagem. Quanto as práticas pedagógicas:

Abordagens atuais da geografia têm buscado práticas pedagógicas que permitam apresentar aos alunos os diferentes momentos da escolaridade, de modo que os alunos possam construir compreensões novas e mais complexas a seu respeito. Espera-se que, dessa forma, eles desenvolvam a capacidade de identificar e refletir sobre diferentes aspectos da realidade, compreendendo a relação sociedade – natureza (BRASIL, 1997, p. 115).



A BNCC, corrobora, dessa perspectiva de renovação do pensamento geográfico, quando afirma:

Estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta. Ao mesmo tempo, a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças (2017, p. 359).

Esse processo de renovação constitui o fundamento das atuais propostas de ensino de Geografia discutidas nas seções seguintes.

3 A Relevância do ensino de Geografia na Educação Fundamental.

De acordo com os PCNs (1997), “adquirir conhecimentos básicos de geografia é algo importante para a vida em sociedade, em particular para o desenvolvimento das funções de cidadania”, uma vez que:

Aprender a ser cidadão e a ser cidadã é, entre outras coisas, aprender a agir com respeito, solidariedade, responsabilidade, justiça, não-violência, aprender a usar o diálogo nas mais diferentes situações e comprometer-se com o que acontece na vida coletiva da comunidade e do país. Esses valores e essas atitudes precisam ser aprendidos e desenvolvidos pelos estudantes e, portanto, podem e devem ser ensinados na escola, (BRASIL, 2007, p. 69).

A perspectiva apresentada pelos PCNs evidencia que o ensino de Geografia não se limita à transmissão de conteúdos, mas envolve a construção de conhecimentos capazes de favorecer a compreensão do espaço vivido e das relações sociais nele estabelecidas. Nesse sentido, as metodologias de ensino assumem papel relevante na criação de situações de aprendizagem que possibilitem aos estudantes estabelecer relações entre os conteúdos geográficos e suas experiências cotidianas.

Nesse processo, a construção inicial de conhecimentos relacionados à paisagem local favorece o avanço inicial, para posteriormente, alcançar conceitos de ordem mais geral, conforme preconizam os PCNs (1997, p.134): “Pode-se aprofundar a compreensão desses aspectos a partir da forma como percebem a paisagem local em



que vivem e procurar estabelecer relações entre o modo como cada um vê seu lugar e como cada lugar compõe a paisagem”.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o ensino de Geografia dialoga com as experiências espaciais construídas pelas crianças em seus diferentes contextos de vida, possibilitando a ampliação de suas formas de perceber e interpretar o espaço. De acordo com Lopes (2007, p. 55) “A criança não está no espaço, não está no território, não está no lugar, nem na paisagem, ela é o espaço, ela é o território, ela é o lugar e a paisagem e, por serem produtoras de culturas e geografias, enriquecem nossa condição humana”.

A contribuição de Lopes (2007) evidencia que a relação da criança com o espaço não ocorre de forma externa ou abstrata, mas constitui uma experiência vivida, marcada por relações sociais, culturais e afetivas que podem ser problematizadas pelo ensino de Geografia

O conhecimento geográfico conduz o discente a uma leitura crítica da paisagem, construída e transformada pelo homem, e todas as relações dela decorrente, conforme mostra os objetivos de geografia para o primeiro ciclo, preconizados nos PCNs:

- Reconhecer, na paisagem local e no lugar em que se encontram inseridos, as diferentes manifestações da natureza e a apropriação e transformação dela pela ação de sua coletividade, de seu grupo social;
- Reconhecer semelhanças e diferenças nos modos que diferentes grupos sociais se apropriam da natureza e a transformam, identificando suas determinações nas relações de trabalho, nos hábitos cotidianos, nas formas de se expressar e no lazer (BRASIL, 1997, p. 130-131).

Esses objetivos demonstram uma concepção de ensino de Geografia voltada não apenas para a localização de fenômenos, mas para a compreensão das relações estabelecidas entre sociedade, natureza e espaço vivido.

A BNCC, que vem a substituir os PCNs estabelece sete competências específicas de geografia para o ensino fundamental, a saber:

1. Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/ natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas.
2. Estabelecer conexões entre diferentes temas do conhecimento geográfico, reconhecendo a importância dos objetos técnicos para a compreensão das formas como os seres humanos fazem uso dos recursos da natureza ao longo da história.



3. Desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.
4. Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.
5. Desenvolver e utilizar processos, práticas e procedimentos de investigação para compreender o mundo natural, social, econômico, político e o meio técnico-científico e informacional, avaliar ações e propor perguntas e soluções (inclusive tecnológicas) para questões que requerem conhecimentos científicos da Geografia.
6. Construir argumentos com base em informações geográficas, debater e defender ideias e pontos de vista que respeitem e promovam a consciência socioambiental e o respeito à biodiversidade e ao outro, sem preconceitos de qualquer natureza.
7. Agir pessoal e coletivamente com respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, propondo ações sobre as questões socioambientais, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários, (2017, p. 366).

O estudo geográfico permite compreender que as transformações espaciais são inerentes às dinâmicas da própria ação humana, refletindo processos complexos que envolvem múltiplas dimensões. A Geografia, enquanto ciência social e humana, ultrapassa a mera descrição física do espaço, abordando aspectos sociopolíticos, culturais, econômicos e ambientais que moldam continuamente o território. O ser humano atua como agente central dessas transformações, influenciando e sendo influenciado pelas relações que estabelece com o espaço em diferentes escalas e temporalidades. Assim, o estudo geográfico torna-se fundamental para analisar criticamente as interações entre sociedade e natureza, promovendo uma compreensão integrada dos processos de produção, organização e apropriação do espaço geográfico. Assim, a BNCC, aponta que:

Espera-se, assim, que o estudo da Geografia no Ensino Fundamental – Anos Finais possa contribuir para o delineamento do projeto de vida dos jovens alunos, de modo que eles compreendam a produção social do espaço e a transformação do espaço em território usado. Anseia-se, também, que entendam o papel do Estado-nação em um período histórico cuja inovação tecnológica é responsável por grandes transformações socioespaciais, acentuando ainda mais a necessidade de que possam conjecturar as alternativas de uso do território e as possibilidades de seus próprios projetos para o futuro. Espera-se, também, que, nesses estudos, sejam utilizadas diferentes representações cartográficas e linguagens para que os estudantes possam, por meio delas, entender o território, as territorialidades e o



ordenamento territorial em diferentes escalas de análise (BRASIL, 2017, p. 383).

Ressalta-se, como enfatiza os PCNs e a BNCC, a relevância do ensino de geografia na educação fundamental, uma vez que, os conhecimentos básicos dessa disciplina possibilitam aos estudantes, compreender a paisagem na qual está inserida, as transformações ocorridas nela ao longo da história e entender a relação homem-natureza, como a ação humana modifica o meio onde vive.

Ressalta-se também que é nessa etapa da escolarização que os estudantes podem desenvolver progressivamente capacidades de análise, reflexão e participação social, especialmente quando submetidos a práticas pedagógicas que valorizem a compreensão crítica do espaço geográfico. A compreensão crítica pode municiar o estudante em saber identificar e se situar que, como preconiza Santos (2002, p. 264), “O espaço é a casa do homem e também a sua prisão”.

4 Metodologias de ensino e práticas pedagógicas nas aulas de Geografia

A literatura sobre ensino de Geografia aponta a existência de desafios relacionados ao interesse dos estudantes pela disciplina. Segundo Silva (2007), a falta de interesse pode ser atribuída a diversos fatores, dentre os quais, metodologia utilizada, caráter descritivo da disciplina, distância entre o conteúdo e a realidade do aluno, e ainda, à falta de interesse intrínseco do aluno. É importante salientar, que a disciplina de geografia, quando bem aplicada, contribui para a formação do senso crítico, ético e responsável do educando, corroborando assim, para a sua compreensão sobre mundo e suas constantes transformações.

O professor exerce um papel de extrema importância na construção de conhecimento, pois é por meio de sua metodologia de ensino que o aluno se interessa ou não pelo conteúdo, e consequentemente pela disciplina, saber planejar as aulas, administrar as atividades dos alunos, manter uma boa relação em classe, isto é, entender o que os alunos dizem e se fazer entender por eles, escolher dentro do currículo exposto pela escola o que é mais importante para o discente, essas são atitudes que facilitam o processo de aprendizagem por parte dos estudantes. Os PCNs que foram substituídos pela BNCC, já traziam que



O professor é visto, então, como facilitador no processo de busca de conhecimento que deve partir do aluno. Cabe ao professor organizar e coordenar as situações de aprendizagem, adaptando suas ações às características individuais dos alunos, para desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais (BRASIL, 1997, p. 40).

A perspectiva apresentada pelos PCNs evidencia uma concepção de ensino na qual o professor deixa de ocupar exclusivamente o lugar de transmissor de informações e passa a atuar como mediador na construção do conhecimento.

Na busca de um ensino de qualidade, e tentando eliminar a dicotomia entre teoria e prática a geografia proporciona a reflexão sobre a realidade, podendo extrapolar algumas regras do ensino tradicional que funciona com horários e locais determinados, o professor dentro de sua prática metodológica, sem fugir das propostas do currículo escolar, tem total liberdade de planejar aulas fora do ambiente escolar, aulas de campo, possibilitando a observação direta dos fenômenos estudados e a articulação entre conceitos geográficos e realidade espacial. A utilização de estratégias pedagógicas que favoreçam a participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem, pode possibilitar ao discente a ser o protagonista de sua própria aprendizagem. Conforme a proposta dos PCNs:

(...) reconhece a importância da participação construtiva do aluno e, ao mesmo tempo, da intervenção do professor para a aprendizagem de conteúdos específicos que favoreçam o desenvolvimento das capacidades necessárias à formação do indivíduo. Ao contrário de uma concepção de ensino e aprendizagem como um processo que se desenvolve por etapas, em que cada uma delas o conhecimento é “acabado”, o que se propõe é uma visão da complexidade e da provisoriidade do conhecimento. De um lado, porque o objeto de conhecimento é “complexo” de fato e reduzi-lo seria falsificá-lo; de outro, porque o processo cognitivo não é de justaposição e sim por reorganização do conhecimento. E também “provisório”, uma vez que não é possível chegar de imediato ao conhecimento, mas somente por aproximações sucessivas que permitem sua reconstrução (1997, p. 44).

Diante disso, o professor exerce o papel de mediador do conhecimento, sendo fundamental a busca por estratégias pedagógicas que despertem o interesse dos estudantes, tornando a disciplina mais atrativa e significativa. Nesse processo, permanece a necessidade de acreditar em uma educação capaz de contribuir para a construção de um mundo melhor, formado por cidadãos críticos, conscientes e preparados para compreender as diferentes realidades que os cercam. Para que essa perspectiva se concretize, torna-se necessário superar práticas pedagógicas centradas



exclusivamente na transmissão de conteúdos, repensar abordagens metodológicas, incorporar novas estratégias de ensino e valorizar a formação continuada dos professores. Essas ações constituem caminhos importantes para o fortalecimento do ensino de Geografia e para a construção de uma educação comprometida com a formação humana e social dos estudantes.

5 Materiais didáticos como instrumentos mediadores no processo de ensino e aprendizagem

Os materiais didáticos constituem importantes recursos pedagógicos, pois ampliam as possibilidades de mediação do conhecimento, quando articulados a estratégias pedagógicas que favoreçam a participação e a reflexão dos estudantes. Os PCNs já abordavam a preocupação de ir além das aulas expositivas ou tão somente da leitura de textos:

O ensino de geografia, de forma geral, é realizado por meio de aulas expositivas ou da leitura dos textos do livro didático. Entretanto, é possível trabalhar com esse campo do conhecimento de forma mais dinâmica e instigante para os alunos, mediante situações que problematizem os diferentes espaços geográficos materializados em paisagens, lugares e territórios; que disparem relações entre o presente e o passado, o específico e o geral, as ações individuais e as coletivas; e promovam o domínio de procedimentos que permitam aos alunos “ler” a paisagem local e outras paisagens presentes em outros tempos e espaços (BRASIL, 1997, p. 153).

No campo da ciência educacional, é fundamental que haja uma reflexão crítica e aprofundada sobre os materiais didáticos, uma vez que agem como um suporte para o professor em sua prática de sala de aula, assim como para o discente que absorve com maior facilidade o conhecimento, pois possibilitam a apropriação do abstrato por meio de sua concretização, Libâneo enfatiza:

Não basta a seleção e organização lógica dos conteúdos para transmiti-los. Antes os próprios conteúdos devem incluir elementos da vivência prática dos alunos para torná-los mais significativos, mais vivos, mais vitais, de modo que eles possam assimilá-los ativamente e conscientemente (1994, p. 128).

Diversos estudos destacam que a eficácia da utilização de materiais didáticos no processo de ensino e aprendizagem são intensamente visíveis pelos professores, que veem seus alunos mais entusiasmados, com vontade de construir conhecimentos de



maneira diversificada. Levando em consideração as inovações no que se refere ao uso dos recursos didáticos e tecnológicos em sala de aula, no tocante às diferentes transformações sociais que a sociedade contemporânea vem passando, tem-se a necessidade de inserir no ensino de geografia novas técnicas, como ferramentas que possam superar os desafios postos, tanto na questão de ensino, quanto a aprendizagem por parte dos alunos.

De forma geral, os recursos didáticos oferecem a oportunidade de desenvolver atividades interdisciplinares que colaborem de maneira significativa para o enriquecimento das aulas de geografia, dispondo o professor, diante do compromisso com a prática educacional, buscar na diversidade dos inúmeros recursos disponíveis, um apoio no processo da aprendizagem para a edificação do conhecimento. No decorrer desta sessão, abordaremos dentre os diversos recursos didáticos, o livro, o mapa e a leitura de imagens, como instrumentos de grande importância no desenvolvimento e construção dos saberes geográficos.

No sentido exposto, salienta-se que os professores não são escravos dos materiais didáticos, estes são instrumentos, ferramentas que se encaixam como uma dentre os inúmeros métodos do educador, por mais importantes que sejam, e são, os materiais didáticos não substituem a explanação oral do conteúdo ou anulam outra qualquer metodologia de ensino, mas servem para enriquecê-las e reinventá-las.

5.1 O livro didático nas aulas de geografia

Sobre a relevância do livro didático no desenvolvimento e construção do conhecimento, Silva menciona:

Costumo lembrar que o livro didático é uma tradição tão forte dentro da educação brasileira que seu acolhimento independe quase totalmente da decisão dos professores. Sustentam essa tradição o olhar saudosista do país, a organização escolar como um todo, o marketing das editoras e o próprio imaginário que orienta as decisões pedagógicas do educador. Não é à toa que a imagem estilizada do professor lhe apresenta com um livro nas mãos, dando a entender que o ensino, o livro e o conhecimento são elementos inseparáveis, indiscutivelmente. E aprender, dentro das fronteiras do contexto escolar, significa atender à liturgia dos livros, conter os gestos e repetir os rituais do livro 'didático': comprar na livraria no início de cada ano letivo, usar no ritmo do professor, fazer as lições, chegar ao fim dos três quartos do conteúdo ali inscritos e dizer amém, pois é assim mesmo (e somente assim) que se aprende (1996, p. 11).



O livro didático consolidou-se como material impresso destinado ao processo de ensino e aprendizagem a partir do século XVII. Entretanto, foi sobretudo a partir do século XIX que sua produção e circulação se ampliaram, acompanhando a sistematização das diferentes áreas do conhecimento, entre elas a Geografia, disciplina diretamente relacionada às transformações econômicas e sociais ocorridas naquele período.

Diante das atuais condições de trabalho do docente de Geografia, o livro didático torna-se um importante instrumento de apoio às atividades didático-pedagógicas. Sua utilização de forma contextualizada, considerando as experiências e os conhecimentos dos estudantes, potencializa o processo de ensino e aprendizagem, evitando que os conteúdos sejam trabalhados apenas como reprodução de informações organizadas em uma sequência lógica.

O professor ao escolher um livro didático, não pode fazê-lo de forma aleatória, pois alguma reflexão necessita ser realizada se o mestre tiver a consciência de que o alvo é, no presente caso, o aprendizado geográfico. Cada disciplina tem suas exigências diante de seu principal objeto de estudo e das linguagens que permitem o entendimento dele. No ensino e aprendizagem da geografia, há a linguagem textual, a qual exige que os autores sejam especialistas, portanto, conhecedores da ciência e de seu ensino, mais é imprescindível que o livro trabalhe com outras linguagens, para representar melhor o conteúdo geográfico. Desse modo, não basta um texto bom, atualizado, se a diagramação não contribui para a compreensão daquilo que se quer ensinar (Pontuschka, 2009, p. 340).

Nos livros didáticos estão expostos diversos conteúdos, uma seleção variada dos conhecimentos que retrata a vida da sociedade, ao adquirir o material é de fundamental importância que o docente compreenda a relação teoria-realidade e fazer questionamentos buscando entender se este fornece condições para uma reflexão sobre a produção do conhecimento geográfico, a utilização do livro didático pode oferecer ao discente a possibilidade de uma análise para além das aparências, influenciando este a adquirir um pensamento crítico e ao mesmo tempo contribuir para a construção do seu conhecimento sobre determinados conceitos e temas.

Nesse contexto, o ensino mediado pelo livro didático pode possibilitar aos discentes a compreensão dos conceitos científicos abordados, bem como de sua relação com as práticas cotidianas, evidenciando a importância desse recurso para a leitura e compreensão do espaço geográfico, conforme menciona Castrogiovanni



(1994): “[...] a geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento”.

Existem atualmente algumas críticas a respeito da utilização dos livros didáticos, por se apresentarem não atraentes a crianças e adolescentes, e por não tratar de assuntos relativos ao cotidiano dos alunos, ainda conforme Pontuschka:

Apesar dessas críticas, dos limites que o livro didático impõe ao processo de ensino e aprendizagem e do crescente interesse econômico no mercado editorial, acreditamos ser preferível o aluno ter em mãos um livro de geografia a não ter nenhum, principalmente por sabermos o quanto ele tangue a milhares de famílias brasileiras, o livro não faz parte dos elementos culturais presentes em seus lares (2009, p. 343).

5.2 O mapa e a linguagem cartográfica na construção do conhecimento geográfico

Os mapas constituem um dos principais recursos didáticos disponíveis aos professores de geografia. Eles ocupam um lugar de destaque na educação geográfica de crianças e adolescentes, interagindo com as atividades de estudos, porque atendem a uma diversidade de propósitos, podendo ser usadas em quase todas as disciplinas escolares, segundo Simielli.

Os mapas nos permitem ter domínio espacial e fazer a síntese dos fenômenos que ocorrem num determinado espaço. No nosso dia a dia ou no dia a dia do cidadão, pode se ter a leitura do espaço por meio de diferentes informações e, na cartografia, por diferentes formas de representar estas informações. Pode-se ainda ter diferentes produtos representando diferentes informações para diferentes finalidades (2008, p. 94).

As contribuições de Simielli evidenciam que o mapa ultrapassa a função de simples representação espacial, constituindo-se em importante instrumento para a leitura, interpretação e síntese dos fenômenos geográficos. Essa perspectiva é reforçada pela BNCC ao destacar o papel da linguagem cartográfica no desenvolvimento do pensamento espacial. Nesse sentido, a BNCC coloque que:

No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, os alunos começam, por meio do exercício da localização geográfica, a desenvolver o pensamento espacial, que gradativamente passa a envolver outros princípios metodológicos do raciocínio geográfico, como os de localização,



extensão, correlação, diferenciação e analogia espacial. No Ensino Fundamental – Anos Finais, espera-se que os alunos consigam ler, comparar e elaborar diversos tipos de mapas temáticos, assim como as mais diferentes representações utilizadas como ferramentas da análise espacial. Essa, aliás, deve ser uma preocupação norteadora do trabalho com mapas em Geografia. Eles devem, sempre que possível, servir de suporte para o repertório que faz parte do raciocínio geográfico, fugindo do ensino do mapa pelo mapa, como fim em si mesmo (BRASIL, 2017, p. 363-364).

O mapa tem como finalidade facilitar a orientação no espaço e ampliar nosso conhecimento sobre ele, portanto, os mapas nos permitem conhecer melhor uma área, uma cidade, um país. Os Parâmetros Curriculares Nacionais destacam que a cartografia e a linguagem cartográfica:

[...] vem se desenvolvendo desde a pré-história até os dias de hoje. Por intermédio dessa linguagem é possível sintetizar informações, expressar conhecimentos, entender situações, entre outras coisas – sempre envolvendo a ideia da produção do espaço: sua organização e distribuição (BRASIL, 1997, p. 118).

Observa-se que os documentos curriculares atribuem à linguagem cartográfica um papel que vai além da localização espacial, enfatizando sua contribuição para o desenvolvimento do raciocínio geográfico e da capacidade de interpretar diferentes representações do espaço.

O cenário escolar deve oferecer oportunidades para que os discentes construam conhecimentos a respeito dessa linguagem em dois sentidos principais: como pessoas que representam e codificam o espaço e como leitores das informações expressas por elas, conforme menciona Carlos (2008, p.109): “Devemos e podemos usar cada vez mais a cartografia em nossas aulas, pois facilita a leitura de informações para os alunos e permite um domínio do espaço de que só os alfabetizados cartograficamente podem usufruir”.

A literatura analisada evidencia que o mapa constitui um recurso didático que pode integrar diferentes momentos nas aulas de Geografia, favorecendo o contato sistemático dos estudantes com a linguagem cartográfica. Por meio da observação e da interpretação de mapas, torna-se possível estabelecer comparações, compreender diferentes realidades e analisar fenômenos relacionados ao espaço geográfico. Segundo Oliveira (2003):



(...) O uso de mapas no ensino possibilita duas formas de construção de conhecimento: a primeira é de conceber o ensino como transmissão de conceitos, e o que gera uma relação de exterioridade com as informações contidas nos mapas municipais; a segunda é de conceber o ensino como construção coletiva de conhecimentos que possibilitam uma aprendizagem significativa para os alunos.

As reflexões apresentadas por Carlos (2008) e Oliveira (2003) convergem ao evidenciar que o trabalho com mapas favoreça a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento, superando práticas centradas apenas na memorização ou na reprodução de informações cartográficas.

Diante do exposto, os estudos analisados reforçam a relevância dos mapas como instrumentos pedagógicos no ensino de Geografia, especialmente por favorecerem o desenvolvimento da linguagem cartográfica desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, conforme aponta Pontuschka (2009, p.326): “A importância de uma iniciação ou alfabetização cartográfica tem sido retomada em dissertações e teses sobre a cartografia escolar, impulsionados por eventos em que o Brasil se destaca por sua iniciativa e participação”.

5.3 A leitura de imagens e suas contribuições para o ensino de Geografia

Os materiais didáticos de Geografia apresentam diferentes representações visuais que, quando utilizadas de forma articulada aos conteúdos trabalhados, podem ampliar as possibilidades de interpretação e análise dos fenômenos geográficos. Contudo, como destaca Pontuschka (2009),

A imagem, no ensino de geografia, geralmente é empregada como uma mera ilustração. Mesmo que os autores de um texto tenham integrado as figuras ao conteúdo, o que nem sempre ocorre, elas não são utilizadas no espaço escolar como complementação do texto ou recurso de onde é possível extrair informações e promover a articulação com o conteúdo da escrita (p. 278).

A reflexão proposta pela autora evidencia que a presença da imagem nos materiais didáticos não garante, por si só, sua utilização como instrumento de aprendizagem. O desafio pedagógico consiste em transformar a imagem em objeto de análise, interpretação e construção do conhecimento geográfico.

Entretanto, a leitura de imagens assume grande importância para o desenvolvimento dos saberes geográficos, pois possibilita a interpretação de elementos



sociais, culturais e naturais presentes nas paisagens vivenciadas pelos estudantes. Nesse sentido, a BNCC aponta que:

O estudo da Geografia permite atribuir sentidos às dinâmicas das relações entre pessoas e grupos sociais, e desses com a natureza, nas atividades de trabalho e lazer. É importante, na faixa etária associada a essa fase do Ensino Fundamental, o desenvolvimento da capacidade de leitura por meio de fotos, desenhos, plantas, maquetes e as mais diversas representações. Assim, os alunos desenvolvem a percepção e o domínio do espaço (BRASIL, 2017, p. 367).

Nesse contexto, a escola e os professores desempenham papel fundamental na ressignificação do uso das imagens, compreendidas como diferentes formas de representação e comunicação visual integradas ao processo educacional. Nesse sentido, a imagem assume um papel essencial na mediação da leitura e compreensão da realidade, contribuindo significativamente para o desenvolvimento cognitivo do estudante.

Além disso, favorece a aquisição de competências analíticas, tais como a capacidade de comparar, interpretar e compreender criticamente o ambiente no qual está inserido, essa abordagem amplia as possibilidades de ensino e aprendizagem ao integrar diferentes linguagens e recursos visuais ao currículo escolar. Os PCNs, já traziam essa preocupação:

O desenvolvimento da leitura da paisagem possibilita ir ao encontro das necessidades do mundo contemporâneo no qual o apelo às imagens é constante. No processo de leitura, um aspecto fundamental é a aquisição de habilidades para ler diferentes tipos de imagens, tais como a fotografia, o cinema, os grafismos, as imagens da televisão e a própria observação a olho nu de um de diferentes referenciais (angulares e de distância). Uma mesma imagem pode ser interpretada de muitas maneiras. Por exemplo, a imagem de um condomínio de prédios pode ser lida de modo diferente por um engenheiro, um construtor, um engenheiro do trânsito, um ecologista, um político, um favelado ou ainda um agricultor do meio rural. Ao se introduzir a leitura da paisagem, a comparação das diferentes leituras de um mesmo objeto é muito importante, pois permite o confronto de ideias, interesses, valores socioculturais, estéticos, econômicos, enfim, das diferentes interpretações existentes e a constatação das intencionalidades e limitações daquele que observa (BRASIL, 1997, p. 154).

Entre as diferentes possibilidades de utilização das imagens no ensino de Geografia, destaca-se também a linguagem cinematográfica, que amplia as formas de



representação e interpretação dos fenômenos espaciais, por apresentar situações semelhantes à realidade do aluno:

A linguagem do cinema é uma produção cultural que pode ser utilizada em sala de aula a fim de abrir cada vez mais horizontes intelectuais para a análise do mundo, necessária à formação da criança e do jovem. Para tanto, os processos precisam conhecer minimamente essa linguagem, que é muito rica porque integra imagens em movimento: a expressão oral e corporal, a cor e tudo temperado pelas trilhas musicais. A linguagem cinematográfica é, com efeito, a integração de múltiplas linguagens (Pontuschka, 2009, p. 278).

A seleção de filmes utilizados em sala de aula requer critérios pedagógicos e intencionalidade, de modo que os conteúdos abordados estejam articulados aos objetivos da disciplina. É essencial destacar que o filme não deve ser compreendido como uma representação da verdade absoluta, mas sim como uma fonte complementar de informação, que, articulada a outras, favoreça a construção de uma leitura crítica. Para que os objetivos pedagógicos sejam alcançados, a mediação docente pode favorecer a formulação de hipóteses explicativas acerca dos fenômenos apresentados, incentivando-os posteriormente à investigação, análise e reflexão sobre os fenômenos apresentados. Esse processo contribui significativamente para o desenvolvimento da autonomia intelectual dos discentes, ao promover a busca ativa por saberes. Conforme observa Barbosa:

Colocar em causa a ‘sociedade do espetáculo’ nos parece uma tarefa inadiável para aqueles que estão mobilizados pelo desejo e pela necessidade de um mundo melhor. Acreditamos que o diálogo da geografia com o conhecimento é um vir-a-ser, capaz de contribuir para superar a nossa condição de meros objetos das representações. E assim fazer de nossas salas de aula lugares de invenção de novas e mais generosas utopias (2008, p. 131).

Evidencia-se, portanto, a potencialidade da imagem cinematográfica como recurso didático no ensino de Geografia, especialmente quando articulada a objetivos pedagógicos definidos e a processos de análise crítica dos conteúdos apresentados. Tal recurso didático, ao articular conteúdos conceituais com estímulos visuais e sonoros, favorece a construção de saberes de forma mais significativa, ao mobilizar diferentes linguagens e favorecendo a percepção crítica da realidade. Ao possibilitar a problematização de temáticas complexas por meio de narrativas cinematográficas, estimula-se o desenvolvimento do pensamento analítico e a capacidade interpretativa



dos alunos. Consequentemente, a prática pedagógica torna-se mais dinâmica e inclusiva, contribuindo para uma aprendizagem mais autônoma, crítica e contextualizada.

6 Considerações finais

A preocupação com o ensino de Geografia, sobretudo nos anos iniciais do Ensino Fundamental, constituiu o eixo estruturante deste estudo. A análise da literatura e dos documentos consultados permitiu refletir sobre as características que norteiam o ensino dessa disciplina, reafirmando sua relevância para a formação intelectual, crítica, social e cidadã dos estudantes. Nesse sentido, os saberes geográficos favorecem a construção de uma leitura crítica do mundo e contribuem para que os discentes compreendam as múltiplas relações estabelecidas no espaço geográfico.

As reflexões desenvolvidas também evidenciam que os conceitos estruturantes da Geografia — espaço, paisagem, território, região e lugar —, quando trabalhados de forma adequada desde o Ensino Fundamental, constituem importantes instrumentos para o desenvolvimento do pensamento crítico, da autonomia intelectual e da participação ativa dos estudantes, conforme orientam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a literatura analisada.

Por outro lado, a literatura e os documentos examinados apontam que ainda persistem desafios relacionados às práticas pedagógicas no ensino de Geografia. Entre eles, destacam-se a presença ainda significativa de práticas pedagógicas associadas a abordagens tradicionais, a utilização ainda limitada de materiais didáticos, mapas, imagens e recursos tecnológicos, bem como dificuldades associadas ao planejamento docente, à formação continuada e às condições materiais disponíveis nas escolas. Tais aspectos podem comprometer a participação mais ativa dos estudantes e a construção de aprendizagens significativas.

Nesse cenário, o professor reafirma seu papel como mediador do processo de ensino e aprendizagem, sendo relevante a adoção de estratégias que aproximem os conteúdos geográficos da realidade vivenciada pelos alunos. Ao mesmo tempo, torna-se necessário que o Estado assegure condições adequadas para o exercício da docência, favorecendo o desenvolvimento de práticas pedagógicas que contribuam para a formação de sujeitos críticos, autônomos e conscientes.



Assim, reafirma-se a necessidade de um ensino de Geografia que ultrapasse a mera memorização de conteúdos e promova a construção de saberes significativos, contextualizados e capazes de contribuir para a leitura, a interpretação e a transformação da realidade. Nessa perspectiva, a educação geográfica pode ser compreendida como elemento essencial da formação integral do educando, favorecendo o desenvolvimento do pensamento espacial e da capacidade de compreender os fenômenos naturais, sociais, culturais, políticos e econômicos que caracterizam o espaço geográfico.

Por fim, ressalta-se que este estudo, por constituir um ensaio fundamentado em pesquisa bibliográfica e documental, não pretende esgotar as discussões acerca do ensino de Geografia na Educação Básica, nem tampouco especificamente no ensino fundamental. Espera-se, contudo, que as reflexões apresentadas contribuam para o fortalecimento do debate sobre as práticas pedagógicas da disciplina e incentivem novas investigações, especialmente aquelas voltadas à análise empírica das experiências desenvolvidas nas escolas e dos desafios enfrentados pelos docentes no cotidiano do ensino de Geografia.

Referências

BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **A geografia na sala de aula**. 8ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> acesso em: 25 de junho de 2025.

BRASIL, Secretaria de Educação básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Ética e cidadania: construindo valores na escola e na sociedade**. Brasília: MEC/SEB, 2007.

BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais/Secretaria de Educação Fundamental** – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia**. Vol.: 5 – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **A geografia na sala de aula**. 8ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2008.



- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; GOULART, Lúcia Beatriz. **A questão do livro didático em geografia: elementos para uma análise**. Boletim gaúcho de geografia, Porto Alegre, 1988. Disponível: <https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/37978/24473> acesso: 27 de junho de 2025.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. (Apostila).
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LOPES, Jader Moreira. **Geografia das crianças, geografia da infância – REDIN**, Euclides, ET al. Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças. Porto Alegre, Mediação, 2007.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica – 21ª ed.** – São Paulo: Annablume, 2007.
- OLIVEIRA, Adriano Rodrigo. A cartografia escolar e as práticas docentes nas séries iniciais do ensino fundamental. São Paulo, 2003. Disponível em: <https://www.cedoc.fe.unicamp.br/banco-de-teses/36764/imprimir> acesso: 27 de junho de 2025.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib e PAGANELLI, Tomoko Iyda e CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo, SP: Cortez 2009. Disponível: <https://repositorio.usp.br/item/001798866> Acesso em: 27 junho de 2025.
- SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**: São Paulo: EDUSP, 2002.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Livro Didático: do ritual de passagem à ultrapassagem**. Em aberto, Brasília, v. 16, Mar.1996. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.16i69> acesso: 27 de junho de 2025.
- SILVA, Rosilene Pereira da. **A prática pedagógica do professor de geografia e o interesse dos educandos pela disciplina geografia**. GIO1 – Práticas docentes e profissionalização de professores – UESP, 2007.
- SIMIELLI, Maria Elena Ramos. **Cartografia no ensino fundamental e médio**. IN: CARLOS, Ana Fani Alessandri. Org/ A geografia na sala de aula. São Paulo: contexto, 2008.
- VLACH, V. R. F. O ensino de Geografia no Brasil: uma perspectiva histórica. In: VESENTINI, J. W. (org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004, p.187-217.